

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
I Simpósio do LaRS.2002
Departamento de Artes e Design

I Simpósio do LaRS . 2002



O Belo e a Morte

Estética e Subjetivação na Pós-Modernidade

*...“you’re on your own
with no direction home
like a complete unknown
like a rolling stone.”*

Bob Dylan

Sergio Medeiros
Departamento de Psicologia

INDICE

I – Introdução

1

II – Estética e Subjetivação
na Pós-Modernidade

4

III – Jameson e a Estetização da Economia

10

IV – A Estética do Ter
e os Bens de Poder

18

V – A Estética do Ser
e os Bens de Sedução

22

VI – O Belo e a Morte
*ou o sujeito que se transforma em sua própria
imagem* 28

I - Introdução

O intuito deste trabalho é problematizar a produção de Subjetividade na Pós-Modernidade, momento em que supomos haver um esgotamento dos objetos como operadores da *falta estrutural* da condição humana. Tal esgotamento, decorrente do excesso de *Oferta* nas regiões abastadas do sistema econômico mundial, estaria abrindo espaço para que os indivíduos ocupem este lugar, isto é, que estes sejam consumidos como objetos. Concordando com a proposição de Fredric Jameson, acerca do predomínio da dimensão estética na produção de mercadorias, também os sujeitos seriam reificados através de uma Imagem. Entretanto, acreditamos que o *ser desejante* resiste à fetichização social de seu corpo e à reificação de sua subjetividade.

• • •

As três últimas décadas ficaram marcadas por uma mudança no padrão tecnológico dos processos de comunicação. Cada vez mais, a criação e a circulação de imagens acompanham a produção e distribuição de Bens e Serviços.

A forte expansão dos fluxos mundiais de mercadorias só encontra paralelo no crescimento, igualmente intenso, dos fluxos de imagens. A internacionalização do processo econômico se faz acompanhar pela construção de uma Estética *sem fronteiras*.

Entretanto, pensamos identificar na *relação estética* dos sujeitos com o mundo, uma dupla função: (i) mitigar a Angústia diante do vazio criando uma ilusória forma para a falta; e (ii) consubstanciar o objeto de Desejo, materializando-o imaginariamente através de uma forma.

Assim, a construção de uma estética é também parte do processo de Subjetivação dos sujeitos.

No entanto, em uma Cultura com cada vez mais telas e menos páginas, a invenção de si próprio na linguagem, esbarra na muralha do Imaginário, cada vez menos particular e mais coletivo. Queremos aqui marcar a presença crescente de uma estética corporal na mensagem do Outro. Tal mensagem acaba por definir uma *gestalt* apontada como bela. A Beleza criada pela Mídia, traz a morte do Sujeito e a glorificação do objeto.

• • •

Desde o início se nos apresentou como tarefa inadiável, a busca de uma articulação que reunisse o Sujeito, a Estética e a produção de Riqueza, vale dizer, a Economia. Assim, após comentarmos, muito brevemente, as características contemporâneas do processo de subjetivação, a partir das contribuições dos autores da *Teoria Crítica* e

seus continuadores, detivemo-nos no texto de Fredric Jameson acerca da *Lógica Cultural* na economia Pós-Moderna. Seleccionamos este autor, pois era sobretudo em Jameson que poderíamos encontrar a articulação que buscamos. De fato, o sociólogo marxista norte-americano aponta a Cultura como *lócus* privilegiado da reprodução do Capital. Ao mesmo tempo, o autor aponta a crescente participação da Estética no resultado da atividade econômica, nas expressões da Arte e na produção da Subjetividade. Marcamos também a descrição do sujeito da Pós-Modernidade apresentada por Bauman; um indivíduo esvaziado, desenraizado, condenado a viver na superficialidade do *jogo curto* e aprisionado em um eterno presente.

• • •

Assim, reunimos a partir de Jameson, condições necessárias para tentar nossa articulação, parte de nosso projeto de pesquisa, acerca de uma *Estética do Ter* e outra do *Ser*. A primeira referida ao movimento da subjetividade masculina em produzir-se fálica e a segunda relacionada à construção da subjetividade feminina atravessada por uma estética cambiante. Com a primeira fizemos coincidir o que denominamos, ainda provisoriamente, de *bens-de-poder*, e à segunda, atribuímos os *bens-de-sedução*. Por fim, tecemos algumas considerações sobre a Anorexia, um aprisionamento da subjetividade feminina na estética que propõe a morte de seu Ser e a qual o Sujeito reage com sua carne.

Acreditamos que o texto “*A Lógica Cultural do Capitalismo Tardio*” de Fredric Jameson, permitiu-nos uma articulação de nossa visada psicanalítica com uma abordagem sociológica e econômica sobre a estetização da vida contemporânea.

II - Estética e Subjetivação na Pós-Modernidade

Definido pelo historiador inglês, Eric Hobsbawm, como a “Era das Revoluções”, o século XX presenciou tantas transformações que ficamos com a impressão de ter sido este o mais *longo* dos séculos. Aliás, muito oportunamente, foram nestes cem anos que o tempo deixou de ser uma grandeza absoluta.

Gostaríamos, no entanto, de destacar um aspecto que nos parece o mais relevante do fragmento da cena histórica que se descortina diante de nossa mirada. Tal aspecto seria o impacto sofrido pela Razão Iluminista.

A Razão fundou a Ciência e difundiu suas práticas discursivas. Estas degradaram o pensamento mítico, baniram a intuição, aposentaram a hermenêutica e dessacralizaram a Religião. Não restam dúvidas de que seu projeto era ambicioso e apenas um novo sujeito seria capaz de levá-lo adiante. Este parece ter encontrado no *cógito*, da formulação cartesiana, sua melhor metáfora. Assim, é na *res cogitans* que pensamos encontrar o sujeito da Modernidade.

Entretanto, três grandes golpes abalaram os alicerces construídos para sustentar a verdade científica e iniciaram o processo de desconstrução do sujeito cartesiano. Seus autores foram Marx, Einstein e Freud.

Cerca de dez anos antes do nascimento de Freud, Karl Marx publicou “O Capital” e difundiu seu “Manifesto Comunista”, propondo ao proletariado, união em torno do *socialismo científico*.

A extensa produção teórica de Marx funda um novo conceito de homem: um Ser que se produz nas relações que estabelece para assegurar sua existência. Neste processo, o Homem – fruto do desejo coletivo pelas condições materiais – cria um Saber, um Pensar, uma Razão e uma Ética.

Assim, em Marx, a Ciência como todos os Saberes, assume o caráter histórico de produção social e como tal se apresenta articulada à *ideologia* – o operante legitimador do Poder.

Desta forma, a Ciência perde o lugar de residência da Verdade e se torna apenas uma de suas locatárias.

Albert Einstein nasceu quando Freud concluía seu curso de medicina. Em 1905, quando Freud tornou públicas suas investigações e descobertas acerca da sexualidade infantil, seu colega cientista concluía seu Doutorado, na Academia de Ciências de Zurich, defendendo a tese da Conversibilidade da matéria em energia. Entretanto, foi somente nos anos trinta que a Teoria da Relatividade e a Mecânica Quântica, desenvolvidas pelo físico alemão, puseram fim à ilusão de onipotência do saber científico, que tudo pensava poder explicar.

A Física, paradigma metateórico da Ciência, condenava toda sua produção acadêmica e experimentos acumulados desde Galileu e Newton a um caso particular, de validade restrita para deslocamentos inferiores à velocidade da luz.

Pela primeira vez o Pensamento científico era contestado por elementos próprios a sua lógica e a contradição expressava-se em sua linguagem privilegiada – a matemática.

E foi assim que a ciência perdeu sua precisão e com ela, sua condição de mito articulado com o porvir e elemento mágico encobridor da falta de sentido do presente.

A finitude, a ignorância e a incerteza que caracterizam a condição humana perderam seu operador lógico e a angústia do existir não poderia reinventar os deuses.

Freud criou a psicanálise e a desenvolveu em um momento histórico marcado pela brutal repressão às formulações marxistas e anterior à difusão e reflexão acerca das descobertas de Einstein.

O *Zeitgeist* de sua época ainda era fortemente hegemonizado pelo racionalismo cartesiano e presidido pelo pragmatismo positivista.

Entretanto, ainda que buscasse o reconhecimento da comunidade científica e a atenção de seu olhar ortodoxo, Freud não submete a liberdade de seu pensar aos sistemas de produção de Verdade, instituídos pela ciência.

“O eu não é senhor em sua própria casa”. Com essa afirmação, Freud dá a verdadeira dimensão da ruptura produzida pelas suas descobertas.

Se antes era o sistema de apreensão do Real que estava em questão, com Marx denunciando seu caráter ideologicamente comprometido e, posteriormente Einstein, limitando suas possibilidades, com Freud é o sujeito que se desloca para o centro da discussão.

Um sujeito dividido que é onde não se sabe. Um ser determinado por seu desejo que mesmo não conhecido se estabelece como sua verdade e lhe impõe sua ética.

A destituição de mito científico com suas certezas inexoráveis lançou o mundo em uma nova dimensão. Para alguns sociólogos e pensadores, como Fredric Jameson e Zygmunt Bauman, trata-se de uma nova era: a Pós-Modernidade. Para outros, como Anthony Giddens e Ulrich Beck, no entanto, vivemos em estágios superiores ou mais sofisticados, mas que não estabeleceram uma ruptura com a Modernidade.

Seja qual for a abordagem, porém, não há discordâncias de que não mais nos reconhecemos no cógito cartesiano. Assim, a Contemporaneidade estabeleceu um novo Outro a nos demandar, a nos constituir e a nos subjetivar segundo suas novas práticas discursivas. Estas parecem portar a mensagem, já interpretada por Benjamin e Adorno, contestada por Habermas e repercutida no debate atual que reúne de Guy Debord à Baudrillard.

Em “*A Sociedade do Espetáculo*” (Debord, 1967), o filósofo, cineasta e militante político Guy Debord denuncia a onipresença da Mídia. Esta, através da exposição excessiva da imagem, falsificaria a

experimentação real do mundo posicionando os indivíduos como espectadores, consumidores passivos de imagens.

Sem sombra de dúvidas, Debord tornou-se ainda mais atual e procedente em sua crítica do que quando a formulou há mais de trinta anos.

Também para Jean Baudrillard, as narrativas midiáticas se sobrepõem às experiências vividas, produzindo a realidade através de “simulacros”. Dando continuidade às denúncias de Adorno e Horkheimer acerca da “Indústria Cultural” e somando-se à crítica de Jameson sobre a “Estetização da Realidade”, Baudrillard denominou de “esquizofrenia cultural” o processo de “invenção” midiática do real. Para Baudrillard, o que atualmente faria “girar a roda” do capitalismo, seriam “investimentos libidinais no imaginário”.

Acreditamos que estes autores estão a nos dizer que a onipresença da Mídia produz uma avalanche de imagens que termina por asfixiar o próprio registro do Imaginário, isto é, a possibilidade criativa do Sujeito desejante desenhar uma estética para aquilo que lhe causa. Esta era tarefa exclusiva do indivíduo na cultura literária, outrora predominante.

Com cada vez menos páginas e mais telas, cabe ao sujeito apenas a tarefa menor de escolher o que já foi desenhado, colorido, visto e interpretado pelo discurso imagético do Outro.

A sofisticação tecnológica e dos canais de distribuição têm permitido um fluxo cada vez mais intenso e imediato de imagens. Estas são apresentadas *on line* o que empresta à narrativa midiática atual um *status* de Verdade. Assim, a Mídia se candidata ao lugar deixado vago pelo Mito, pela Religião e pela Ciência. Entretanto, o lugar da Verdade

não é fácil: não há *efeito especial* que o sustente.

Desta forma, para atender a demanda por Verdade de um público desacostumado a produzi-la, o espetáculo deve parecer real. E nada mais real do que um *recorte do cotidiano* ou as imagens *ao vivo*. Até se pode acreditar que não há uma câmara por trás; além de um Diretor, um Roteirista, um Editor... e o *Fantástico Show da Vida* é então apresentado como um *making off*. E também os conflitos, guerras, seqüestros, mortes, terremotos, furacões e genocídios...tudo com logomarcas, vinhetas e logotipos.

Mas não só da *Verdade* fala o discurso midiático. Os indivíduos também anseiam por emoções, por algo que os remetam aos seus investimentos libidinais reprimidos ou seus desejos inibidos. Assim, manter a audiência significa falar a *Verdade* nos telejornais e expressar emoções intensas e autênticas nas telenovelas. Entretanto, sem patrocinador, *quem pagará a conta?* Desta forma, a *Verdade* e as emoções se mesclam nos produtos ofertados pela economia.

Agora sabemos porque já não podemos mais nos reconhecer no cógito cartesiano. Não só sua crença científica perdeu a nossa fé. Também não colocamos nada em seu lugar. Transitamos entre imagens e objetos e como estéticas e mercadorias procuramos nos subjetivar.

III - Jameson e a Estetização da Economia

Gostaríamos, no entanto, de nos determos um pouco mais no texto em que Fredric Jameson analisa a *lógica cultural do capitalismo tardio*, pois é a partir de suas contribuições que pretendemos fundamentar as nossas. Jameson conclui sua formulação acerca da articulação entre a cultura e o capitalismo contemporâneos da seguinte forma.

“O que devemos perguntar agora é se precisamente essa semi-autonomia da esfera cultural não foi destruída pela lógica do capitalismo tardio. Mas o argumento de que a cultura hoje não é mais dotada da autonomia relativa que teve em momentos anteriores do capitalismo não implica, necessariamente, afirmar o seu desaparecimento ou extinção. Ao contrário, o passo seguinte é afirmar que a dissolução da esfera autônoma da cultura deve ser antes pensada em termos de uma explosão: uma prodigiosa expansão da cultura por todo o domínio do social, até o ponto em que tudo em nossa vida social – do valor econômico e do poder do Estado às práticas e à própria estrutura da psique – pode ser considerado como cultural, em um sentido original que não foi, até agora, teorizado. Essa proposição, no entanto, é totalmente consistente com o diagnóstico anterior de uma sociedade da imagem ou do simulacro, e da transformação do ‘real’ em

uma série de pseudo-eventos.”[Jameson, Fredric (1996) A lógica cultural do capitalismo tardio. In: Pós-modernismo. São Paulo, Ática (nossos grifos)]

Conforme o trecho que grifamos, o autor aponta a “*expansão da cultura*” por todas as dimensões do social.

Assim, o “*valor econômico*” e a “*estrutura da psique*” são atravessados pela cultura. Marcamos estes dois termos – o econômico e a subjetividade – pois é acerca deles que tentamos, mais adiante, estabelecer, uma articulação que também envolveria um terceiro termo: a Estética.

Por ora, gostaríamos de chamar a atenção para a singularidade que ocupa a formulação de Jameson no campo teórico do marxismo. Vale lembrar que é deste referencial que o autor estabelece o seu recorte do Real. Há, entretanto, uma inversão importante em relação à tradição do Materialismo Histórico. Uma inflexão, devemos dizer, valiosa para nossos propósitos.

Em “O Capital” Marx estabelece uma relação de determinação do acontecer econômico sobre as demais instâncias da vida social. Aliás, é nesta relação causal que reside o aspecto materialista e tão caro à sua abordagem. Marx denominou de Forças Produtivas as condições materiais disponíveis para a produção da existência humana. Relações de Produção foi o conceito desenvolvido por Marx para explicitar a forma como os homens interagem entre si no processo de transformação da Natureza. O grau de desenvolvimento das forças produtivas associado a determinadas Relações de Produção irá estabelecer,

historicamente, o Modo de Produção. E será este quem definirá a existência de classes sociais e determinará a Ideologia, a estrutura do Estado, o conceito de cientificidade, o Direito, a Religião, a Moral, a Filosofia e as Artes. Invertendo a dialética *idealista hegeliana*, a dialética materialista formulada por Marx caracteriza o Homem e sua civilização como um processo estabelecido pela forma como se organizam a produção da existência e a apropriação do excedente. Compreender este processo seria o caminho para se entender a razão de suas idéias, os valores de sua cultura e a essência de suas vidas.

Desta forma, quando Jameson afirma a subordinação do *valor* econômico à cultura ou, mais precisamente, quando atribui a este *valor* um aspecto cultural, estabelece uma nova leitura – ou uma ruptura, diriam os mais ortodoxos – com a concepção materialista. Poder-se-ia argumentar que este desdobramento da dimensão cultural – a “*explosão*” de que nos fala Jameson – é precisamente a característica da sociedade Pós-Moderna apresentada pelo autor. Concordamos, com entusiasmo, com este reposicionamento da Cultura diante da “*infra-estrutura*” econômica, mas ainda assim, temos que admitir, as diferenças com Marx não se apagarão, pois, ou o materialismo se aplica a todas as formações sociais ou o Real não é a origem e a essência do acontecer humano.

Continuemos com a análise de Jameson, retendo, no entanto, a novidade de sua abordagem acerca da Cultura. De volta ao seu texto, encontramos a articulação entre Economia e Estética que procurávamos.

Das páginas introdutórias, destacamos o seguinte fragmento:

“O que ocorreu é que a produção estética hoje está integrada à produção das mercadorias em geral: a urgência desvairada da economia em produzir novas séries de produtos que cada vez mais pareçam novidades (de roupas a aviões), com um ritmo de *turn over* cada vez maior, atribui uma posição e uma função estrutural cada vez mais essenciais à inovação estética e ao experimentalismo. Tais necessidades econômicas são identificadas pelos vários tipos de apoio institucional disponíveis para a arte mais nova, de fundações e bolsas até museus e outras formas de patrocínio.” [Jameson, Fredric (1996), A lógica cultural do capitalismo tardio. In: Pós-modernismo, São Paulo, Ática(nossos grifos)]

Assim, como propõe Jameson, a produção estética possui uma “*função estrutural*” no capitalismo tardio. Tal função seria assegurar, ou, ao menos tentar, um ritmo de “*turn over*” de mercadorias tão elevado quanto o necessário para manter em expansão a taxa de reprodução e acumulação de Capital.

Acreditamos, no entanto, que algo *externo* à economia sempre esteve presente em seus *movimentos*. De fato, desde que a civilização deixou para trás a economia de subsistência que o *excedente* de produção tornou-se a variável preponderante sobre os rumos da atividade econômica. Desta forma, ao contrário dos argumentos apresentados pela ciência econômica, sempre apoiados na Razão e

justificados pela Necessidade, não é o que falta, mas o que *sobra* que constitui a *causa* da Economia. Foi para trocarmos os *excedentes* que os agentes econômicos sempre buscaram a expansão dos mercados, dos fenícios à globalização. Um episódio ilustrativo foi à procura por novos caminhos para as Índias, pois afinal, não se pode acreditar que os europeus do século XV necessitassem, para sua sobrevivência, da *pimenta-do-reino...*

Entretanto, não é propriamente a Economia que nos interessa no momento, mas sim sua implicação com o Imaginário dos sujeitos. Acreditamos mesmo que a *noção* (e não o conceito teórico) de excedente pertence a este registro. Aquilo que excede a necessidade do indivíduo não tem para ele valor-de-uso, de fato, não possui qualquer valor em si; é como mais um copo d'água para quem já matou a sede, entretanto, o que por ele, pode ser trocado, costuma se apresentar como uma promessa de felicidade. O valor do excedente é assim, uma expectativa: de consumir o que não se tem ou de se precaver quanto ao futuro.

Se é verdade que a Economia sempre caminhou pelas trilhas do excedente de produção então o Capitalismo se estabeleceu, precisamente, devido à sua maior aptidão para produzi-los. Entretanto, sua eficácia é apenas superior a dos sistemas que o precederam e sua capacidade de continuar sua tarefa histórica pode estar próxima de um limiar. Talvez a *estetização* da economia, de que nos fala Jameson, deva ser compreendida como uma tentativa de contornar um certo esgotamento na absorção de excedentes, particularmente, no momento posterior ao declínio da Guerra Fria. Assim, a *indústria da estética*

estaria tentando ocupar o lugar de *motor* econômico, anteriormente ocupado pela Indústria Bélica. Infelizmente, o novo *carro-chefe* não é menos imprudente que o antigo.

De fato, a expansão econômica da indústria da estética, como qualquer outra, demanda a existência de consumidores ávidos por seus produtos. Acreditamos que esta exigência implica um conjunto de atitudes que parece constituir um *novo* Sujeito.

Vale destacar, entretanto, que não supomos a existência de um determinismo econômico sobre o Sujeito. Não partilhamos da formulação que aponta a ocorrência de uma “*colonização do Inconsciente*”, como em alguns momentos, parece ser a opinião de Jameson. Preferimos, no entanto, suas considerações que parecem preservar a complexidade do fenômeno humano.

A partir do referencial psicanalítico, de onde parte o nosso olhar, pensamos o Sujeito como o *ser* de seu Desejo, como aquilo que resiste às demandas culturais. Porém, exatamente por resistir, é também por elas, constituído. Acreditamos, assim, em uma interação dialética entre o movimento desejante que se origina no Sujeito e sua interpretação da demanda que parte do outro. Talvez possamos afirmar que a síntese instável deste conflito antitético constitui um sintoma, que em sua manifestação coletiva, dar-lhe-íamos o nome de *Subjetividade*. Assim, o processo de subjetivação dos Sujeitos desejantes é historicamente contextualizado e demarcado pela Autoridade. Isto posto, podemos então concordar com as implicações pós-modernas sobre a Subjetividade.

Jameson aponta o que denominou de “*esmaecimento dos afetos*” como decorrência do declínio do “*Ego burguês*”. Também denuncia a superficialidade nas relações entre os indivíduos e a cultura além do *culto* ao simulacro que transformaria os sujeitos sem suas imagens. Gostaríamos, no entanto, de reproduzirmos aqui, uma articulação de Zygmund Bauman em “*O Mal Estar da Pós-Modernidade*”, que nos pareceu mais pungente na descrição da miserável condição da Subjetividade contemporânea.

“A ação humana não se torna menos frágil e errática: é o mundo em que ela tenta inscrever-se e pelo qual procura orientar-se e que parece ter-se tornado mais assim. Como pode alguém viver a sua vida como peregrinação se os relicários e santuários são mudados de um lado para o outro, são profanados, tornados sacrossantos e depois novamente ímpios num período de tempo mais curto do que levaria a jornada para alcançá-los? Como pode alguém investir numa realização de vida inteira, se hoje os valores são obrigados a se desvalorizar e, amanhã, a se dilatar? Como pode alguém se preparar para a vocação da vida, se habilidades laboriosamente adquiridas se tornam dívidas um dia depois de se tornarem bens? Quando profissões e empregos desaparecem sem deixar notícia e as especialidades de ontem são antolhos de hoje? E como se pode fixar e separar um lugar no mundo se todos os direitos adquiridos não os são senão até segunda ordem, quando a cláusula da retirada à vontade está escrita em todo contrato de parceria, quando todo o relacionamento (...) não é senão amor

confluyente, para durar não mais que a satisfação derivada.[Bauman, Zygmunt (1997) *Turistas e vagabundos: os heróis e as vítimas da pós-modernidade*. In: *O Mal Estar da Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar]

Vejamos, das formulações de Jameson, o que podemos reunir até agora.

(i) O processo de acumulação e reprodução do Capital, na sociedade Pós-Moderna, está presente em suas manifestações culturais; (ii) Estas são, de fato, o veículo privilegiado de expansão do excedente econômico. Assim, a *Indústria Cultural*, descrita por Adorno e Horkheimer, tornou-se a atividade de maior importância para a economia Pós-Moderna; (iii) A Imagem assumiu o lugar de principal meio de expressão da Cultura; e (iv) Os sujeitos ocupam uma posição de destaque na produção estética contemporânea.

Assim, pensamos ter encontrado uma articulação entre Capital, a Imagem e o Sujeito na qual a *estética da existência* do último é parte da sobrevivência do primeiro.

Agora compreendemos também porque a Subjetividade Pós-Moderna, como nos descreve Bauman, há que ser desenraizada, dispersa, cambiante, itinerante, superficial, descompromissada, desresponsabilizada, alienada, apolítica e ahistórica. É para que, esvaziada ou *esmaecida*, só lhe reste sua aparência, pois já não é mais sua força-de-trabalho e sim sua estética que se presta à criação de mais-valia.

Só ainda não sabemos, porque os sujeitos sustentam este lugar de mercadoria estética para si próprios, uma vez que, partimos da Cultura e não da Economia, rompendo assim, com a rigidez do determinismo clássico da dialética marxista. Tampouco podemos atribuir à Cultura um lugar *fora* dos sujeitos, ou exclusivamente, a eles transcendente.

Podemos, no entanto, pensar na demanda do Outro influenciando as vontades. Porém, ainda melhor, é pensar no tanto de *gozo* que Sujeitos fruem neste lugar de objeto estético.

É o que tentaremos articular nos próximos tópicos, através dos conceitos e proposições da Psicanálise.

IV - A Estética do Ter e os *Bens de Poder*

Gostaríamos de dar início à nossa especulação indagando acerca da relação entre a Estética e a *posição masculina*. Se esta última é marcada pela ilusão da posse do Falo, tal relação estaria referida às formas demarcadas pelo significante *Ter o Falo*. *Quais seriam então, os recursos disponíveis na cultura contemporânea, para produzir a estética demandada pelo delírio fálico?*

Sem dúvida os recursos estéticos parecem sempre ilimitados. Contudo, gostaríamos de nos deter naqueles mais representativos do imaginário coletivo atual. Buscamos, com este procedimento, uma articulação da posição masculina – um constructo teórico da psicanálise

referido ao Sujeito do Inconsciente – com os valores de uma subjetividade social, investigada pela Sociologia e demais Ciências Sociais.

Tendo em vista o Modo de Produção capitalista em seu estágio atual, marcado pela criação, a taxas cada vez maiores, de excedentes, há uma forte pressão no sentido de expandir o consumo, também a taxas crescentes. De fato, a mais-valia produzida reclama ser realizada o que só ocorre quando os excedentes obtidos na Produção se transformam em lucros auferidos na Distribuição. A teoria econômica pós-Keynesiana consagrou o *princípio da demanda efetiva* que atribuía à procura por bens e serviços, um poder determinante sobre os níveis de oferta. Entretanto, os ganhos de escala, os avanços tecnológicos e, sobretudo, o advento do *Marketing* parecem ter invertido – em muitos segmentos do Mercado o *determinismo econômico*. Assim, apoiada em uma ética consumista e reforçada por uma estética do *merchandise*, têm cabido à Oferta o lugar de causa do fenômeno econômico. Dito de outra forma, a Oferta têm criado sua própria Demanda.

Trazendo estes desdobramentos econômicos para o campo da psicologia podemos investigar melhor o que a Ciência Econômica pouco parece ter a nos dizer: *o que levaria os consumidores a demandarem bens apenas porque estes são ofertados? O que faz com que os indivíduos comprem o que, até então, não precisavam?*

Pensamos que a relação estética com o Falo poderia nos fornecer algumas pistas. Do significante *Ter o Falo*, com certeza se pode dizer que o primeiro termo permanece invariante enquanto o segundo se

desloca, metonimicamente, através de uma rede de produtos, bens e serviços.

Como o acesso aos produtos da economia não é igual para todos os sujeitos – bem ao contrário – a interdição relativa das coisas as tornariam fálicas, ou, pelo menos, habilitariam-nas a ocuparem este lugar.

Em seu seminário “Mais Ainda”, Lacan nos apresenta suas “fórmulas da sexuação”, que estabeleceriam as estruturas lógicas da sexualidade masculina e feminina. São tais estruturas que temos em mente quando empregamos o termo *Posição*. Acreditamos estar, essencialmente correto afirmar que a Posição Masculina formulada por Lacan apresenta este sujeito enredado em uma disputa pela posse do Falo. De fato, o desfecho do conflito edípico *nomeia* o superego como seu herdeiro e deixa a ilusória posse do Falo como seu bem mais valioso. E o Falo é valioso porque restaura o ideal de completude do *Eu-Ideal*. Neste narcisismo primário não há lugar para a castração. Assim, *Ter o Falo* é não estar submetido à *Lei*, é o retorno delirante ao lugar do Pai Primevo.

A História do Direito Processual e a prática, nos países anglo-saxões, do Direito Consuetudinário, mostra-nos que uma lei só permanece viva enquanto o que ela veio interditar é objeto de cobiça. Assim, o que garante a existência da lei é o interesse dos sujeitos em não cumpri-la. Aliás, é para coibir este interesse afinal que se estabeleceu a lei.

Algo desta natureza também ocorre com a lei que antecede as normas jurídicas. Também a *Lei do Pai* que proíbe o incesto e

estabelece a Castração como punição antecipada pressupõe a existência de infratores. E o pressuposto é procedente, pois infratores não faltam. Na realidade, eles são todos os sujeitos desejantes. Porém, o mandamento fálico da Posição Masculina reclama algo que possa consubstanciar a transgressão e alimentar a ilusão da não castração.

Assim, acreditamos ser *da lógica* psíquica dos homens o movimento de tentar ocupar o lugar daquele que é a exceção, aquele que não foi castrado. Para tanto, quase tudo que possa distinguir alguém dos demais pode se prestar. Talvez estejamos em condição de afirmar o horror masculino à igualdade pelo que ela porta de castração. A falicidade se materializa na diferença.

Talvez tenhamos agora um outro ângulo de mirada para contemplarmos – com tristeza e indignação – a enorme desigualdade econômico-social em um país tão rico quanto o Brasil. Trata-se de uma *passagem ao ato* coletiva, uma *perversão social*, um excesso de gozo fálico. Este é, no entanto, um tema para outro trabalho...

O que gostaríamos de reter no momento é que a sociedade contemporânea criou condições excepcionais para que o sujeito posicionado no campo masculino realize seu gozo fálico através da multiplicidade de objetos ofertados pela economia. Seria assim, por intermédio das mercadorias possuídas que este sujeito construiria uma estética para consubstanciar seu desejo de *Ter*; seu delírio de ser: um *fora-da-lei* não castrado.

Naturalmente o consumismo não é uma prerrogativa dos indivíduos masculinos...Ao contrário! Existem amplos segmentos do Mercado, exclusivamente destinados ao consumo feminino. Entretanto,

como veremos mais adiante, a posição feminina parece se articular com uma classe especial de mercadorias . Por ora, gostaríamos de propor uma divisão hipotética do Mercado em dois grandes segmentos: o de *Bens-de-Poder* e o de *Bens-de-Sedução*. Do primeiro, participariam com mais interesse, porém, sem exclusividade, os sujeitos masculinos. Do segundo, seriam as mulheres o *público alvo*.

Conscientes do risco a que nos expomos ao caminharmos por campos de outro Saber, devemos, contudo, aceitá-los, alertando, entretanto, que a segmentação que hipotetizamos está referida tão somente ao uso imaginário e estético dos bens e não às suas múltiplas inserções na matriz econômica. No entanto, não podemos deixar de dar expressão à nossa convicção de que são os usos presentes no discurso da cultura e no imaginário dos indivíduos que mais influenciam a Oferta e os Preços. Ao menos para os Bens de Consumo – isto é todas as mercadorias exceto Bens Intermediários, Bens de Produção e Insumos Básicos.

V - A Estética do Ser e os *Bens de Sedução*

Se a primazia do Superego parece submeter a sexualidade masculina à *Lei do Pai* aprisionando-a na construção imaginária do Falo, a sexualidade feminina parece ir mais além. Com mais liberdade para amar e desejar a ética das mulheres não poderia ser a mesma – que

de Aristóteles a Hegel – confina o gozo à polaridade *Ter ou não Ter*.

Exatamente por não possuir um pênis, o suporte imaginário do Falo, a menina *conclui o Édipo* por onde começou, isto é, procurando colocar-se como completude do desejo. O Falo que não foi para sua mãe permanecerá como causa de sua subjetivação.

Assim, *mascarando-se* de Falo a posição feminina se desdobra para além do *Ter* inaugurando a ilusão do *Ser*.

Foi pensando neste deslocamento metonímico através das múltiplas máscaras que o Falo pode assumir, que formulamos a idéia, no plano social, dos *Bens-de-Sedução*. Estes seriam todos aqueles ofertados pela economia que possam servir para a confecção das máscaras que encobrem o vazio, a falta, enfim o nada, em torno do que, o desejo tece o seu véu.

Queremos então marcar que os objetos produzidos articulam-se em um sistema de referências que participa do processo de subjetivação dos indivíduos.

O discurso contemporâneo fala das coisas fabricadas, ou simplesmente ofertadas, como se estas possuíssem uma realidade em si. Os objetos são então apresentados, como um conjunto de funções cuja utilidade assegura-lhes a existência. A sofisticação tecnológica há muito já se encarregou de articular os objetos em uma complexa rede matricial de interdependência. A amplitude desta matriz favorece a ilusão de que o sistema de objetos se desdobra e se reproduz como um organismo vivo, sua única interseção com os humanos é através do atendimento das necessidades destes. O discurso da Economia

desconhece o Desejo e o *Marketing* o trata pelo termo ambíguo *preferências do mercado*.

Entretanto, sabemos, por Lacan, que apenas o *Real* não se inscreve na realidade psíquica. Assim, como parte desta última, os objetos existem no Simbólico e no Imaginário dos sujeitos que os consomem. E por participarem da realidade psíquica há uma relação imaginária e estética entre sujeitos e objetos e, através dos objetos, entre os sujeitos. É nesta última que reside nosso interesse.

Dissemos há pouco que a posição masculina tinha horror à igualdade, pois esta impedia o gozo fálico pelo que portava de castração. Também a posição feminina não quer a homogeneidade, pois produzir-se como Falo significa ocupar o lugar singular de ser aquilo que o Desejo deseja.

Há, entretanto, uma distinção muito significativa entre a relação que as duas posições estabelecem com os objetos.

Ter o Falo, a tarefa que o Superego masculino impõe, significa sustentar a ilusão de sua posse, é acreditar tê-lo sempre. Assim, os sujeitos masculinos buscariam criar para si uma estética estável que sirva de *Semblante* fálico. Isto é, os homens procurariam relacionar-se com as coisas, apropriando-as de forma a consubstanciar, através delas, a metáfora de sua pretensão de *Ter*.

Aliás, a Castração que se teme é aquela que ameaça e não a que se concretiza. É o temor que encaminha a resolução edípica, estrutura o sujeito e causa sua subjetivação masculina. E se esta é a estereotipia do gozo fálico, a cristalização da Atividade, não pode admitir a variabilidade. O *Semblante* masculino é assim uma caricatura de traços

exagerados, firmes e imutáveis. *E os Bens de Poder* são duráveis, confiáveis, seguros e potentes.

Por outro lado, *Ser o Falo* é ser o que não se sabe o que é. Ainda que o *Ter* e o *Ser* estejam aqui referidos ao Falo, isto é, o significante da falta, há no *ter*, significações mais definidas que o seu valor de metáfora da Atividade lhe confere. Já ao *Ser* não há significação possível, pois não se é aquilo que falta, não se pode ser um conteúdo para o vazio. Assim, a posição feminina veste uma *Máscara* para encobrir um não saber sobre o seu Ser. A inexistência de uma essência no Falo faz da *Máscara* um perímetro para o vazio, uma forma para tentar ocupar o lugar deste nada, um lugar que só pode ser tocado pelo deslizamento metonímico que se consubstancia em uma estética cambiante.

Assim, para *Ser o Falo* é preciso deslocar-se, assumir múltiplas formas e muitas faces. Os *Bens de Sedução* seriam então, aqueles que se prestam à construção dessa estética fugaz como os adornos e os perfumes. Entretanto, ser o Falo é uma tarefa inexequível. De fato, não se pode sê-lo. Pode-se, contudo parecer-se com ele. Talvez seja esta a questão da posição feminina apontada por Lacan: *parecer para ser*.

E aqui chegamos ao aspecto que buscávamos no processo de constituição da subjetividade feminina. Parecer é procurar ser igual, é assumir as características essenciais, é reduzir a distância com o objeto até confundir-se com ele. Assim, as mulheres estabelecem uma relação mimética com os objetos que lhe servem como *Máscara* do Falo. Desta forma, a posição feminina se desdobra através dos elementos de sua estética cambiante lançando um véu sobre as fronteiras entre o *Eu* e as

coisas. Tal movimento torna os sujeitos desta posição muito mais vulneráveis aos discursos que falam dos objetos de sua estética, pois a mensagem também está referida ao *Eu*. Assim, a Moda não fala para as mulheres, mas sim sobre elas... Trata-se na realidade, de um discurso sobre objetos que enuncia a sedução e, portanto é ouvido como uma fala sobre o Falo. Queremos então marcar a participação, por assim dizer, dos sujeitos na mensagem estética que parte do Outro. Isto é, há algo de verdade na Mídia, não em seu *recado*, mas no que porta de verdade do Sujeito, o seu discurso. Aliás, é só por isso que sua fala faz efeito.

Não concordamos, portanto, com certa crítica – de origem política e instrumental sociológico – que pensa o discurso da Mídia como uma metáfora de todos os discursos capaz de estabelecer com os sujeitos uma relação de determinismo unilateral. Tal abordagem fragiliza o Desejo, negando-lhe sua condição criativa enquanto ao outro das falas midiáticas e práticas televisivas, nada menos do que a completude é atribuída. Muito nos lembra o discurso do neurótico sempre pronto a completar – e responsabilizar – o Outro.

Acreditamos, no entanto, em uma interação dialética entre as práticas discursivas da Mídia e o Sujeito. E esta relação ocorre, precisamente, com aquela tentando atender às Demandas deste. Assim, o *perigo* dos excessos da Mídia não está na suposição ingênua de que ela opera um tirânico condicionamento e que através das telas de *TV* obtém os terríveis resultados hipotetizados – e imortalizados – pela ficção de George Orwell. Bem ao contrário, o *perigo* das práticas discursivas da Mídia está no tanto de gozo que nela os sujeitos podem

usufruir. Aliás, de imediato nos ocorre o gozo de culpabilizá-la pelo que há de mal, ruim e nefasto, assim, apenas a ela caberá o Inferno...

Há, entretanto, um outro gozo que nos interessa mais de perto, Dissemos ainda há pouco que a posição feminina estabelece uma relação de mimetismo, de proximidade e identificação com os objetos de sua estética. Este movimento, no entanto, é estrutural desta posição subjetiva. É o significado mesmo do termo *Máscara*. Tais sujeitos se misturam aos objetos para assim, parecerem *Ser*. Existe uma diferença, aparentemente sutil, entre este movimento de *vestir-se* de Falo e assim lidar com a Castração e um outro que busca efetivamente ser o Falo. Não se trata aqui de uma subjetividade que se desdobra pelos objetos de sedução e sim que se fundiona a eles. Tais sujeitos não portam uma *Máscara*: a ela estão aderidos.

Há aqui um intrigante paradoxo, pois estes sujeitos que estão muito *além* da subjetivação feminina – que goza de intimidade com os objetos -constituíram-se como objeto. E nesta condição, não há propriamente um Sujeito, mas só o Falo, um delírio de completude que a todos fascinaria e à quem nada faltaria... exceto algo para desejar. É neste *sujeito-Falo* que se crê como o que falta ao Outro que pensamos encontrar o discurso ambivalente da Anorexia: a Bela a quem só a morte faz falta.

Como poderíamos articular a fala deste Eu – que tenta constituir-se como Objeto – com a produção de uma estética? Por que a Anorexia é um delírio exclusivamente referido ao corpo?

Eram estas as questões que havíamos reservado para o último tópico deste trabalho.

VI - O Belo e a Morte

Ou o sujeito que se transforma em sua própria imagem

Quando da fundação do registro do Imaginário, o *Eu* ganha acesso a uma identificação imagética. Toma seu reflexo como um outro pleno e completo e faz desta imagem de seu *Eu-Ideal*, um ideal para o seu *Eu*. É também neste momento, formulado e denominado por Lacan de “*Estádio do Espelho*” (op.cit.1936 e outras) que a Estética torna-se uma possibilidade.

O primeiro objeto de prazer de toda criança é sua mãe. Inicialmente, no entanto, apenas partes dela formam o objeto. Acreditamos que esta percepção e *incorporação* fragmentada da mãe permanecerá influenciando na vida anímica dos sujeitos mesmo após o traço unário dar acesso ao esquema corporal.

No período da infância que antecede o *Édipo*, a criança, de ambos os sexos, tenta colocar-se no lugar daquilo que sua mãe deseja. Sabemos disto por Freud que equipara o filho ao Falo e por Lacan que marca como “primeiro tempo do Édipo” a posição da criança como Falo da mãe. No entanto, *também para a criança, a mãe é o objeto de seu desejo*.

Com a entrada no *Édipo* o pai surge como um suporte para o discurso que interrompe o gozo fusional mãe-filho. No desfecho do conflito, os meninos intensificarão sua identificação ao pai e introjetarão sua lei fálica. Com as meninas, como vimos ainda há pouco, tudo se passa de forma bem diferente. O motivo de seu movimento em direção

ao pai é um desapontamento com seu primeiro e mais importante objeto de amor. Entretanto, o encontro com o pai também é desapontador. É a partir deste desencontro com o Falo que o sujeito feminino irá então mascarar-se de objeto como acabamos de descrever.

Há, no entanto, a possibilidade de não ocorrer, propriamente, um desapontamento com a mãe. Não é por esta não possuir um pênis, o suporte imaginário do Falo, que haverá de apresentar-se Castrada. Assim, a filha daquela que *tem* poderá não ser marcada pelo *Édipo*, mantendo-se no lugar de Falo de sua mãe. Agora sabemos o que está por trás da *tênu*e diferença entre o ser e o parecer: o Complexo de Édipo.

O Sujeito na posição de Falo do Outro não conhece a falta ou recusa-se a vê-la. Sua estrutura narcísica não foi alterada pelo *Édipo* e o seu *Eu* ainda é Ideal.

Seu terrível sofrimento então tem início, quando alguém, estranho ao seu ser, é designado para o lugar que, do ponto de vista de sua subjetividade delirante, apenas a si caberia. Isto ocorre quando a Mídia aponta, como Falo para os homens e modelo para as mulheres, aquela que seria a mais bela entre estas... a melhor patrocinada, na realidade.

A mulher que *não* passou pelo *Édipo* é atingida em sua estruturação psíquica. Se outra pode ser o Falo, *o quê seria ela?* Como a *Madrasta diante do espelho*, só lhe resta ordenar a morte da *mais bela* para que sua subjetividade siga existindo. O Falo que se quer Ser –

como aquele que se quer Ter – tem horror à igualdade e não admite a partilha. Não há negociação possível: *é ela ou Eu*.

A anorexia seria então a opção daquela que não possui o espelho. A anorética pretende destruir seu corpo, pois sua subjetividade já morreu.

Claro está que o sujeito de quem falamos, não *barrado*, pela Lei edípica, estrutura-se como psicótico. A radicalidade fenomênica e sua percepção delirante da estética corporal concordam com nossa posição acerca da estrutura de seu discurso.

Há, no entanto, um quadro menos intenso e muito mais freqüente. É a mulher insatisfeita com o *peso de seu corpo*. Aliás, este constitui-se na principal metáfora de seu discurso: uma síntese de seu mal estar, uma representação estética de sua Castração.

E por ser assim castrada e autora de metáforas, sua estruturação psíquica situa-se no campo da Neurose.

Lacan nos fala em “*As Formações do Inconsciente*” (Lacan, “O Seminário”, livro 5) acerca das conseqüências para o desfecho edípico dos meninos quando a posição de seu pai é “crítica”. Acreditamos que também para as meninas haveria efeitos quando o lugar do pai no conflito é *crítico*. Na realidade estamos nos referindo à posição do pai na mensagem que porta o discurso da mãe. Quando cabe, sobretudo à esta, a autoria da fala que faz Lei, cabe-lhe também o Falo. Tal mãe é como a antiga deusa egípcia *Mut* de que nos dá notícia Freud (Freud, 1910c): sedutora como seus seios fartos e viril como seu pênis erecto.

Esta mãe que parece *Ter e Ser* apresenta a seguinte questão para sua filha: *identificar-me com minha mãe é ter o Falo, como muitas*

vezes, até parece lhe sobrar, ou é ser o Falo que em outras tantas lhe parece faltar?

Tal questão se desdobra em um paradoxo: *Como ser Castrada por quem não tem? Ou, seu Falo é falso, ou a minha castração não é.* A mãe fálica parece assim propor um *blefe* à sua filha.

E se é verdadeira sua condição de portadora da Lei é também verdade que as mulheres podem não ser castradas. E, por fim, se a mãe tem o Falo, cai o motivo para filha, a ela identificada, ter Complexo de Castração.

Assim, a mãe fálica acena com a promessa de completude. Ao se apresentar como completa a mãe sugere esta possibilidade à sua filha. Entretanto, exatamente por ser fálica aquela sempre buscará ter esta como objeto. A relação ambivalente entre mães e filhas ganhará matizes mais acentuadas. A filha amará a completude de sua mãe pelo que ela representa de esperanças de reencontro com o *Eu-Ideal* perdido e a tomará como um modelo ideal para o seu *Eu*. Por outro lado odiará a posição de objeto que o gozo fusional a aprisionou.

Ainda que por vias ambivalentes e enevoadas o sujeito de quem falamos foi submetido à *barra* da Castração. Até porque sua fálica mãe também foi barrada, só não sabemos se como homem ou mulher. Assim, estamos no Campo da Neurose o que significa dizer, estamos no Campo da Transferência.

Pensamos então que a relação especular e ambivalente deste sujeito com sua mãe é transferida e revivida com a mulher bela e completa designada pela Mídia.

A *mulher bela* aponta a este sujeito feminino sua falta, sua castração. Aliás, é exatamente porque algo lhe falta que o sujeito deseja estar no lugar deste outro apresentado como perfeito pela Mídia. É então entre o amor e a inveja dirigidos a este outro imaginário que o sujeito hesita, oscilando entre uma subjetividade e um Simulacro da bela midiática. Assim esta, através da fala encantadora que a criou, fascina o sujeito e propõe-lhe a morte em troca da ilusão de completude. De fato, enquanto aos homens tal beleza seduz como objeto, às mulheres, atrai-lhes ser o objeto, incorporá-lo. Assim, o discurso desta estética reclama da mulher algo mais: a sua carne. É precisamente com ela que a anorética comparece e resiste.

Entre o *Eu Castrado* e o Simulacro *completo* é sobre este que recai a escolha do sujeito. Entretanto, o Simulacro é apenas a imitação de uma cópia, uma tentativa de reproduzir o ideal da beleza contemporâneo que, de fato, não existe nem mesmo no discurso da Mídia. Neste só há a noção de beleza, e aliás como Freud a definiu, isto é, aquilo que, no objeto, atrai o olhar. E aqui pensamos ser pertinente relembrar a hipótese que formulamos acerca da Estética.

Desde o início deste trabalho insistimos que a relação estética cumpre uma dupla função: consubstanciar o objeto de desejo atribuindo-lhe uma forma; e mitigar a angústia do vazio, encobrindo-o como um *perímetro* imaginário.

Parece então, que o sujeito de quem falamos estabeleceu para si uma relação exclusivamente estética com o mundo. E assim ele tenta cumprir a dupla função que mencionamos.

Identificando-se com a imagem, apontada pelo Outro como objeto do desejo de *todos*, ele consubstancia o seu objeto e a si próprio. E com seu Narcisismo Primário ilusoriamente restaurado, não há angústia do vazio, pois a Falta sucumbiu à “miragem de potência” de seu *Eu*.

Interessante é pensar que o sujeito cria o seu objeto ao mesmo tempo em que se identifica com ele. Tudo se passa então, como uma reedição do *Estádio do Espelho*.

O Sujeito ama como seu objeto aquilo que deseja ser como sujeito. Estamos, portanto, falando de alguém que tenta se subjetivar como objeto.

Este sujeito, no entanto, não realiza seu intento, pois como dissemos anteriormente, foi *barrado* pela fala da Mãe-Fálica. Entretanto, o Recalque a sua Castração é frágil e o discurso estético da Mídia favorece o retorno ao gozo pré-edípico, isto é, o desejo de ser o Falo do Outro.

E aqui uma indagação vem interromper a nossa articulação. *Qual seria então, a diferença entre este sujeito neurótico e anorético e o sujeito feminino? Ambos não buscam Ser o Falo?*

Sim. De fato, ambos desejam a mesma coisa. Porém, se é verdade o que dissemos sobre a posição feminina, o sujeito assim estruturado possuiria uma espécie de *salvo-conduto* que lhe possibilitaria transitar mais livremente, entre as duas finalidades e os múltiplos objetos e formas de gozar a Pulsão. De forma inversa, a *neurótica anorética* – que encontra enorme dificuldade em passar do Ser ao Parecer – viveria num grande congestionamento onde só a

tentativa de ser Objeto lhe serviria como causa. Assim, aprisionado em seu gozo único, tal sujeito fica radicalmente afastado do campo da Atividade e impossibilitado de ocupar, ainda que transitoriamente, a posição que Lacan apontou como a do amante.

O culto à Passividade – tão presente no discurso dos indivíduos anoréticos que podemos ouvir – parece decorrer da condenação ao erotismo clitoral. Na ressignificação feita a posteriori, o prazer sentido na infância é visto como uma ameaça à sua condição de mulher. Trata-se, portanto, de um sujeito que partilha da mesma *crença* que Helene Deutsch (e por vezes também Freud): a feminilidade demandaria abandonar o clitóris em prol da vagina. O Sujeito do Desejo, no entanto, duvida do que diz e resiste a supressão de seu prazer. O conflito entre Demanda e Desejo instaura a ambivalência e leva o indivíduo a oscilar entre o enunciado estético e a enunciação anorética.

O enunciado estético falaria então do que foi suprimido, a partir no entanto, do que foi posto em seu lugar: a imagem de completude da mulher bela.

Entretanto, o discurso da Mídia, ainda que apoiado e reforçado por uma sociedade voltada para o espetáculo (Guy Debord, 1967), não assegura ao Simulacro – seu produto mais sofisticado – proteção contra o mal estar. Como sua única matéria-prima é a ilusão, o Simulacro tem um compromisso faltoso com a realidade. Porém, como artigo de consumo, o Simulacro foi lançado no mercado para ser aquilo que obtura a Falta. Assim, não há como evitar que seus consumidores não percebam, cedo ou tarde, o engodo que os enredou. Furiosos, como

toda *vítima* de propaganda enganosa, aqueles que buscaram subjetivar-se como Simulacro, tentam, pateticamente, devolver a mercadoria falsa. E o fazem *desincorporando* a imagem midiática da qual se fizeram uma cópia.

Assim, a anorética, intoxicada por sua neurose, impõe-se uma *dieta zero*, pois o mundo em que habita ficou contaminado pela desilusão e pelo desinteresse. Nada nele há que possa restituir-lhe a completude alucinada pela ingestão de *Beleza* ou compensá-la pela inibição do Desejo. É o que *Issa* enuncia pela anorexia.

Em uma variação fenomênica da mesma lógica psíquica, a *Bulímica* vomita a mulher bela que ingeriu e envenenou o processo de sua subjetivação.

E aqui não podemos deixar de pensar na *Branca de Neve* do conto infantil. Até parece que é dessa dinâmica, da filha e sua mãe fálica ou da mulher e a imagem da Beleza, que esta história veio nos falar. Vale lembrar que o Conto dos Irmãos Grimm é apenas uma adaptação literária do século XVIII de uma lenda medieval anterior à aquisição da escrita pelos povos germânicos. Assim, uma história, verdadeiramente, milenar, deve ter algo muito importante a nos contar.

E de fato, tem. Branca de Neve só nasceu branca como a neve, com lábios vermelhos como o sangue e cabelos negros como o ébano porque assim sua mãe a desejou. Quando esta morreu, Branca de Neve perdeu sua condição de Falo e seu lugar na família. Perseguida pela inveja e ciúmes da bela e poderosa feiticeira com quem seu pai se casou só restou à desamparada menina fugir do ódio e destruição. Uma fuga inútil, pois sua madrasta tudo via através do espelho. Interessante

pensar na relação entre as duas mulheres sendo intermediada pelo espelho. Aliás, cabia a este manter a perseguição nos dois sentidos, pois se Branca de Neve era molestada pelas artimanhas de sua madrasta, esta era atingida pela voz do espelho que não cessava de reafirmar a beleza superior da enteada.

Em “O Estranho” (Freud 1919h) a origem do Duplo que ameaça foi outrora, servir de proteção, assim como os demônios foram algum dia deuses ou anjos caídos, perdidos para o Mal.

No mito medieval, parece que a bondosa mãe dá lugar à maldosa madrasta quando a filha se aproxima do *Édipo* – na versão de Grimm, tudo tem início quando Branca de Neve fez sete anos. Aliás, seu pai, o Rei, está em uma *posição crítica*. No conto, sua única aparição é para chorar a morte de sua primeira esposa e escolher – mal – a segunda. Sem a lei paterna, as duas mulheres permanecem por vários anos presas, uma a outra, através do espelho. A Estética é a causa e o meio das investidas da madrasta. Primeiro um cinto enfeitiçado, depois um pente... mas Branca de Neve sempre sobrevive para desespero da madrasta que ouve, daquele que deveria reafirmar o seu narcisismo, o veredicto de que lhe falta a Beleza de sua enteada. Com o ideal de seu *Eu* feito em pedaços junto com o espelho encantado, a madrasta, também perde o seu encanto e com as feições de uma pobre velha, envenena Branca de Neve que iludida pela aparência da maçã – o eterno símbolo da sedução – cai em sono profundo. Seus amigos anões, no entanto, preservam-na como *objeto estético*. Constroem-lhe um caixão de vidro para que sua beleza continue a ser admirada. Muito tempo ainda haverá de se passar até que um príncipe – aquele que do Rei, é

sempre um herdeiro – por sua imagem se apaixone e ao toma-la em seus braços, leve-a a desvencilhar-se do pedaço envenenado da maçã.

Este conto bem poderia ser a autobiografia mítica da menina pré-edípica. De fato, ele é mais do que isto. Trata-se de um épico acerca das vicissitudes da constituição do sujeito feminino, narrado, muito apropriadamente, na linguagem do *tempo das marcas*, com os significantes que inscreveram as primeiras metáforas. Talvez por isso a lenda de Branca de Neve continue a fazer efeito... Com certeza seremos imprudentes e talvez até levianos, se propusermos aqui, que assim como a mitologia grega nos iluminou com a saga de *Édipo Rei*, as lendas medievais (como Branca de Neve e Cinderela) nos esclarecem mais a complexidade do Édipo feminino. Na realidade, não estaremos sendo levianos, ou mesmo inovadores, pois queremos apenas marcar a relevância da relação ambivalente entre a menina e sua mãe, uma relação que se desloca para aquela vivida entre o sujeito feminino e a imagem da mulher bela, enfim, algo que Freud já havia nos ensinado no Apêndice do *Caso Dora* (Freud; 1905e). Aliás, o caso clínico da jovem austríaca até parece uma adaptação para a Modernidade da lenda medieval. Como Branca de Neve, Dora parece dormir um *sono eterno* que a impede de amar e sua *tosse histérica* nos faz pensar que também ela tem algo preso na garganta... E de fato tem: a traição da bela Sra. K; o Falo que Dora deseja ser e seu pai, ter. Há, no entanto, uma diferença muito importante que Freud só foi perceber 15 anos mais tarde: o príncipe *encantado* é apenas uma solução possível e não a única.

Aliás, foi contra a tirania do gozo único e *castrado* que as histéricas – e entre elas as anoréticas e bulímicas – se insurgiram. Foi para estabelecer a multiplicidade e romper com o *encanto do Rochedo* que o sujeito feminino fundou-se.

Referências Bibliográficas

Abraham, N. e Torok, M. (1987) “*A Casca e o Núcleo*”, Editora Escuta, SP

Adorno, T. e Horkheimer, M. (1985) “*A Dialética do Esclarecimento*”, JZE, RJ

Alain Miller, J. (1993) “*De Mujeres y Semblantes*”, Editora Trieb, Buenos Aires

André, S. (1998) “*O Que Quer uma Mulher*”, JZE, RJ

Aristóteles, *Coleção “Os Pensadores”*, Abril Cultural, SP

Baudelaire, C. (1996)[1869] “*Sobre a Modernidade: o pintor da vida moderna*”, Paz e Terra, RJ

Baudrillard, J. (1970) “*A Sociedade de Consumo*”, Martins Fontes, SP

Bauman, Z. (1998) “*Globalização, as Conseqüências Humanas*”, JZE, RJ

Bauman, Z. (1998) “*O Mal Estar na Pós-Modernidade*”, JZE, RJ

Birman, J. (1996) “*Por uma Estilística da Existência*”, Ed.34, SP

Birman, J. (1999) “*Cartografias do Feminino*”, Ed.34, SP

Butler, J. “*The Psychic Life of Power*”, Stanford University Press, Stanford, California

Debord, G. (1997) “*A Sociedade do Espetáculo*”, Contraponto, RJ

Fischer, E. (1979) [1959] “*A Necessidade da Arte*”, JZE, RJ

Freud, S. (1900a) “*A Interpretação dos Sonhos*”, ESB, Imago, RJ, Vol. IV e V

Freud, S. (1905d) “*Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*”, ESB, Imago, RJ, Vol VII

Freud, S. (1905e) “*Fragmentos da Análise de um Caso de Histeria*”, ESB, Imago, RJ, Vol VII

Freud, S. (1910c) “*Leonardo Da Vinci e uma Recordação de sua Infância*”, ESB, Imago, RJ, Vol XI

Freud, S. (1912-13) “*Totem e Tabu*”, ESB, Imago, RJ, Vol. XIII

Freud, S. (1914c) “*Sobre o Narcisismo: uma Introdução*”, ESB, Imago, RJ, Vol XIV

Freud, S. (1915c) “*Os Instintos e suas Vicissitudes*”, ESB, Imago, RJ, Vol. XIV

Freud, S. (1915d) “*Repressão*”, ESB, Imago, RJ, Vol. XIV

Freud, S. (1915 e) “*O Inconsciente*”, ESB, Imago, RJ, Vol.XIV

Freud, S. (1916-17) “*Conferências Introdutórias sobre Psicanálise*”, ESB, Imago, RJ, Vol. XV e XVI

Freud, S. (1917e) “*Luto e Melancolia*”, ESB, Imago, RJ, Vol. XIV

Freud, S. (1919h) “*O Estranho*”, ESB, Imago, RJ, Vol.XVII

Freud, S. (1923e) “*Organização Genital Infantil*”, ESB, Imago, RJ, Vol. XIX

Freud, S. (1924a) “*A Dissolução do Complexo de Édipo*”, ESB, Imago, RJ, Vol.XIX

Freud, S. (1925c) “*O Problema Econômico do Masoquismo*”, ESB, Imago, RJ, Vol. XIX

Freud, S. (1925j) “*Algumas Conseqüências Psíquicas da Diferença Anatômica entre os Sexos*”, ESB, Imago, RJ, Vol XIX

Freud, S. (1926d) “*Inibição, Sintoma e Ansiedade*”, ESB, Imago, RJ, Vol. XX

Freud, S. (1930a) “*O Mal Estar na Civilização*”, ESB, Imago, RJ, Vol. XXI

Freud, S. (1931b) “*Sexualidade Feminina*”, ESB, Imago, RJ, Vol. XXI

Freud, S. (1933a) “*Novas Conferências Introdutórias sobre a Psicanálise*”; Conferência XXXIII “*Feminilidade*”, ESB, Imago, RJ, Vol. XXII

Freud, S. (1937c) “*A Análise Terminável e Interminável*”, ESB, Imago, RJ, Vol. XXIII

Freud, S. (1977) [1891] “*A Interpretação das Afásias, um Estudo Crítico*”, Edições 70, Lisboa

Fridman, L. (2000) “*Vertigens Pós-Modernas, configurações institucionais contemporâneas*”, Relume Dumará, RJ

Giddens, A. (1997) “*A Vida em uma Sociedade Pós-Tradiciona*l” in *Modernização Reflexiva, A. Giddens, U. Beck e S.Lash*, Ed. Unesp, SP

Habermas, J. (1990) “*O Discurso Filosófico da Modernidade*”, Publicações D. Quixote, Lisboa

Hegel, G.W.F. (1993) [1886] “*Introductory Lectures on Aesthetics*”, Penguin Books, Londres

Hegel, G.W.F. (1996) [1820-1829] “*Curso de Estética, O Belo na Arte*”, Martins Fontes, SP

Hobsbawm, E. (1997) “*A Era do Capital*”, Paz e Terra, RJ

Jameson, F. (1996) “*Pós-Modernismo; a Lógica Cultural do Capitalismo Tardio*”, Ed. Ática, SP

Kant, I. (1993) [1790] *“Crítica da Faculdade de Julgar”*, Forense Universitária, RJ

Kehl, M. (1998) *“Deslocamentos do Feminino”*, Imago, RJ

Klein, M.(1930) *“The Importance of Symbol-Formation in the Development of the Ego”* in *“Writings of Melanie Klein 1921-1945”*

Lacan, J. (1997) *“O Seminário”, Livro 7, A Ética da Psicanálise* [1959-1960],JZE, RJ

Lacan, J. (1998) *“Escritos”*, JZE, RJ

Lacan, J. (1999) *“O Seminário”, Livro 5, As Formações do Inconsciente* [1957-1958], JZE, RJ

Marcondes, D. (1999) *“Textos Básicos de Filosofia”*, JZE, RJ

Miller, G. (1989) *“Lacan”*, JZE, RJ

Pires Martins e Arruda Aranha (1993) *“Filosofando”*, Editora Moderna, SP

Platão, *“Diálogos”*, Ediouro, RJ

Sánchez Vázquez, A. (1999) *“Convite à Estética”*, Civilização Brasileira, RJ

Segal, H. (1957) *“Notes on Symbol Formation”* in *“International Journal of Psycho-Analyse”*, 38:39-397

Strickland, C. (1992) *“Arte Comentada”*, Ediouro, RJ

